





Apple iPod Shuffle

por **Márcio Nigro**
Fotos: Clício e J. C. França



Pois é. Dentre todos os artifícios de marketing da Apple, parece que um dos preferidos de nosso amigo Steve Jobs é a polêmica. Cada vez é mais frequente nos pegarmos discutindo se um novo produto da Apple é bonito ou não, esquecendo-nos de prestar atenção no que mais interessa: o que há dentro da máquina.

Mas vamos assumir: todos nós temos um lado um pouco (às vezes, muito) fútil e, assim como Jobs, sabemos que a aparência conta — e muito — na sociedade pós-moderna.

O fato é que o iMac continua, desde que foi lançado, o produto mais vendido da Apple (já são mais de 5 milhões!), graças à inovação constante. Da metade de 1998 até agora, vimos desfilar nas “passarelas” de Cupertino iMacs nas cores Bondi blue, grafite, amora, uva, limão, tangerina, morango, índigo, neve, rubi... Depois de tantas cores, estava na hora de variar um pouco e, mais do que nunca, fazer do iMac o centro das atenções; seja por sua aparência, seja pelos novos recursos. E assim nasceu a nova safra de iMacs com gravadores de CD-RW, que tem como membros ilustres os modelos “lisérgicos” Flower Power e Blue Dalmatian. São os primeiros com

texturas em vez de cores uniformes. Definitivamente, não conseguem passar despercebidos, salvo se estiverem ao lado de Clóvis Bornay ou do João Gordo. Juntos.

Aparência é tudo

Se você está querendo comprar um iMac novo mas quer manter sua mesa discreta, não se preocupe: ainda existem as cores Indigo e Graphite, que certamente são duas das mais bonitas. Agora, se estiver a fim de arrojá-lo, não titubeie (bela palavra essa, não?): é Flower Power ou Blue Dalmatian na cabeça.

O Flower Power foi assim batizado pela sua estampa, que evoca os hippies dos idos anos 60-70. Se bem que as cores são um pouco “lavadas” e a frente é totalmente branca. Tanto ▶





melhor, ninguém pode acusá-lo de ser “che-guei”. Sobre o Flower Power há todo o tipo de opinião: feio, lindo, tenebroso, ridículo, afe-minado, esquisito, joinha, brega, mutcholôco etc. Ele parece estar cumprindo bem a incum-bência de ser polêmico.

Já o Blue Dalmatian, ou “Dálmata Azul” (al-guém toma ácido na Apple? Quando sair um modelo chamado “Sapo Carmim” vamos ter a resposta), não chegou a causar reações tão dís-pares, mas tampouco é uma unanimidade. Porém, apesar dos novos padrões, o iMac con-tinua translúcido – ainda que muito menos que o habitual – e ainda é possível ver os compo-nentes internos da máquina.




Os padrões são impressos por dentro do plásti-co do *case*, com uma retícula de pontos similar à de uma impressão offset comum. Nada de ou-tro mundo. Não se confirmaram os populares “chutes” de que os padrões revelariam várias camadas de profundidade, cintilações etc. Era tudo... viagem.

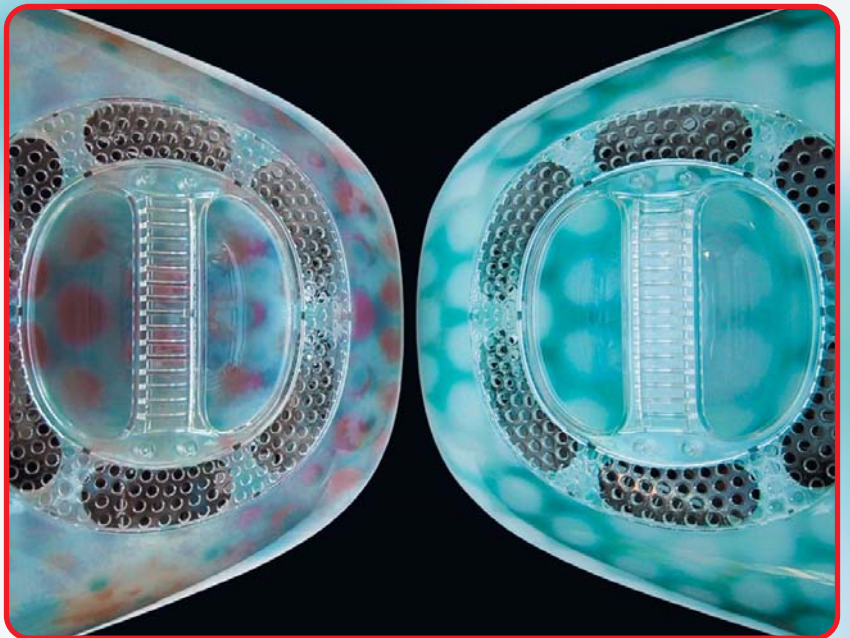
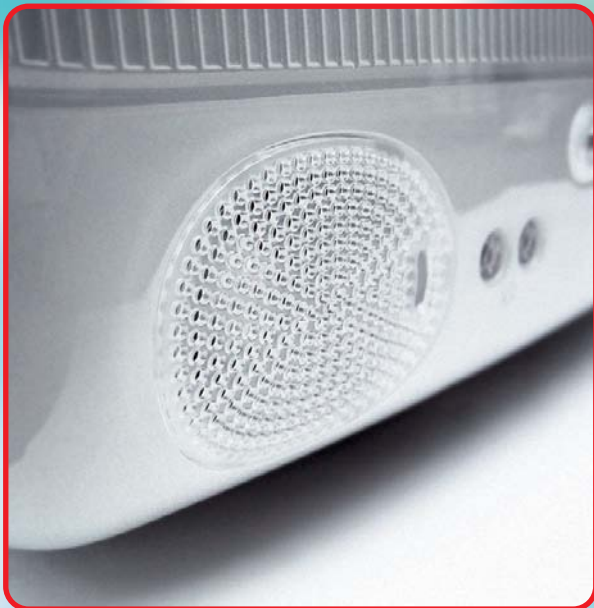
Queime tudo

Chega de futilidades e vamos falar de coisas importantes. A principal novidade da nova safra de iMacs, como já dissemos, é a inclusão do gravador de CD-RW (com exceção do modelo de 400 MHz, que vem apenas com leitor de CD-ROM). Junte isso ao iTunes e ao Disc Burner e você entenderá porque a Apple baseia sua cam-panha publicitária em torno da capacidade de criar seus próprios CDs. Você “ripa” as músicas que quiser a partir de CDs ou seleciona arqui-vos MP3 ou AIFF e queima um disco com uma bela coletânea usando o iTunes.

O DVD-ROM se foi e deu lugar a um gravador de CD-RW que não é propriamente rápido: atinge velocidades de 8x para gravação, 4x para regravação e 24x para leitura. Dá para o gasto, mas já existem equipamentos que atingem 16x10x40. É claro que incluir um modelo mais veloz acabaria encarecendo o produto, mas a

Ficha Técnica

Clock	400 MHz	500 MHz	600 MHz
Cores			
RAM pré-instalada	64 MB	64 MB	128 MB
Cache L2	512K a 160 MHz	256K a 500 MHz	256K a 600 MHz
Chip de vídeo	ATI RAGE Pro	ATI RAGE Pro Ultra	ATI RAGE Pro Ultra
VRAM	8 MB	16 MB	16 MB
Disco rígido	10 GB	20 GB	40 GB
Drive óptico	CD-ROM	CD-RW	CD-RW
Portas e conexões	Modem 56K interno, 2 portas USB, 2 portas FireWire, Ethernet 10/100, suporte a AirPort		
Preço	R\$ 3.290	R\$ 3.990	R\$ 4.519



COMO CRIAR UM CD DE ÁUDIO SARADO

Se você tem um gravador de CD, é óbvio que vai querer fazer uma (só uma?) bela coletânea com suas músicas favoritas para escutar no carro, tocar numa festa ou então, quem sabe, dar de presente e conquistar de vez alguém (acredite, é um presente e tanto, que pode trazer bons resultados, pois mostra que você é uma pessoa sensível, criativa, atenciosa etc.). Com o Toast até dá para fazer isso. Porém, se você quiser fazer a coisa bem feita mesmo, o negócio é usar um programa dedicado. Por isso, vamos mostrar um guia rápido de como fazer um belo trabalho com o Jam 2.6, da Roxio, que é um dos programas mais indicados para a tarefa. Vamos lá:

¶ Junte as músicas que vão entrar em sua coletânea até obter algo em torno de 747 MB, o que dá 74 minutos. Elas podem estar num CD de áudio ou na forma de arquivos (AIFF, MP3, WAV ou SD2).

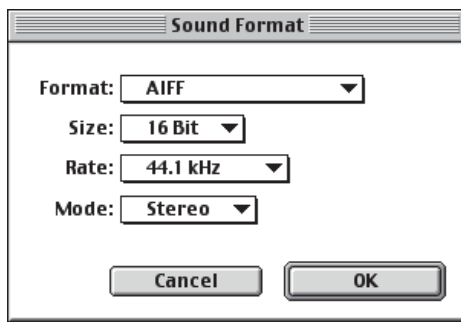
¶ Se o seu disco for para dar de presente para alguém, assista ao filme “Alta Fidelidade”, de Stephen Frears, para saber a maneira certa de selecionar as músicas (este passo é opcional, mas altamente recomendável).

¶ As músicas que estiverem em CDs de áudio terão de ser convertidas para arquivos. Para isso, use o Toast Audio Extractor, que acompanha o Jam. Insira o CD no drive do Mac e abra o utilitário. O Toast Audio Extractor vai mostrar a lista de músicas (se os nomes estiverem como “Track 1”, “Track 2” etc., duplo-clique na faixa para renomeá-la). Embaixo da lista, aparece um gráfico de onda depois de cada música ser extraída.

No menu File ▶ Options, defina o formato como



AIFF (Wave ou Sound Designer também servem), 16 bits, 44,1 kHz e Stereo. Selecione as faixas do CD que vão ser “ripadas”, clicando com a tecla ⌘ pressionada. Feito isso, clique no botão Extract e,



na caixa de diálogo que surgirá, defina a pasta onde os arquivos serão gravados.

¶ Junte todos os arquivos que irão para o CD numa pasta só.

¶ Abra o Jam, selecione o menu File ▶ New para abrir uma sessão e arraste a pasta com os arquivos de áudio para a janela do programa. Você verá todas as músicas listadas. Coloque as músicas na ordem desejada, arrastando cada item.

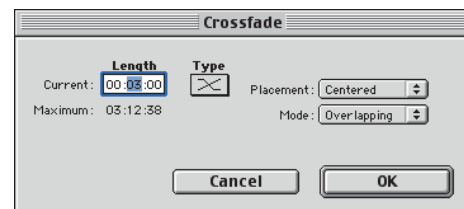


¶ Agora é chegada a hora de acertar as diferenças de volume entre as faixas. Selecione o menu Edit ▶ Select All (ou pressione ⌘⌘A) para selecionar todas as músicas, e em seguida acione Disc ▶ Normalize Selection. Na caixa de diálogo que aparece, escolha “Each track individually” e dê OK. Com isso, o programa vai checar o volume que pode ser acrescentado a cada faixa. Você provavelmente verá que alguns valores na coluna Gain (ganho) terão sido alterados.

¶ Use os botões de transporte (Play, Stop etc.) no alto da janela para ouvir as músicas e checar

os volumes. Se você achar que alguma música está mais alta do que as outras, clique na coluna Gain e diminua o volume no botão deslizante que aparece. Não aumente o volume das outras faixas, porque elas já estão no volume máximo.

¶ Para o seu CD ficar com ar profíça, é legal fazer cross-fades (transições) entre as faixas, para fazer uma faixa emendar na outra (“esquema DJ”). Assim, na coluna Pause coloque o valor de zero segundo (00:00:00) em todas as faixas, com exceção da primeira, que necessariamente deve ter um intervalo de dois segundos (00:02:00). Agora, na coluna Xfade, clique no símbolo parecido com um “I” maiúsculo e selecione a opção Set Crossfade. No campo Length, defina o tempo de cross-fade entre as faixas. Algo entre 3 e 8 segundos é razoável, mas experimente à vontade.



No menu pop-up Type, você verá vários tipos de *cross-fades*. As linhas mostram como vai ser o comportamento do volume da faixa que está saindo e o da que está entrando e se a divisão da faixa será antes (Pre-Splice), depois da transição (Post-Splice) ou centrada. Deixe o menu Mode em Overlapping. Clique em OK e veja como ficou. Se não agradar vá mudando o tipo de cross-fade e o tempo da transição até encontrar um resultado. Repita o processo para todas as faixas.

¶ No canto inferior direito, você confere o tempo total de seu CD. Se estiver dando mais do que 74 minutos, tente aumentar o tempo dos cross-fades ou retire alguma música da lista, selecionando o item e clicando no botão Remove Track.

¶ Pronto, chegou a hora que queimar o bicho. Clique no botão Write Disc e, na janela resultante, selecione a velocidade de 4x, pois essa é a mais garantida para CDs de áudio. Clique em Write Disc de novo e espere o disco sair do forno.

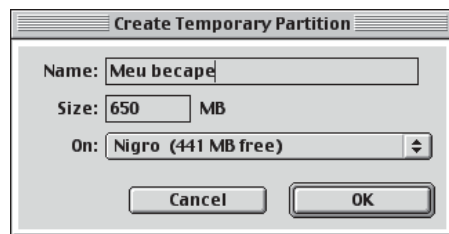
¶ Coloque o seu novo disco num CD player e escute a gosto.

COMO FAZER UM BECAPE SEM ERRO

Ótimo: você comprou um gravador. Agora, você não tem mais desculpa para deixar de fazer aqueles becares tão importantes, de que sempre falamos e você finge que não escuta. Afinal, CD-Rs são baratos demais para serem ignorados. É chegada a hora de você sacar seu Toast e preservar os arquivos mais importantes.

Veja agora como fazer um bom becape, passo a passo, na versão 4.1 do Toast:

1 Rode o Toast e selecione o menu Utilities ► Create Temporary Partition. Na janela que se abre, defina o nome (Name) da partição, que vai ser o mesmo nome do CD (ex: "Meu Becape"). Em Size (tamanho), defina 650 MB. Se você tiver mais de um HD, escolha em qual será criada a partição no menu On. O Toast criará uma imagem do CD usando o espaço livre de seu disco. Esse método é mais complicado do que simplesmente arrastar os arquivos para a lista de conteúdo, mas é mais seguro.

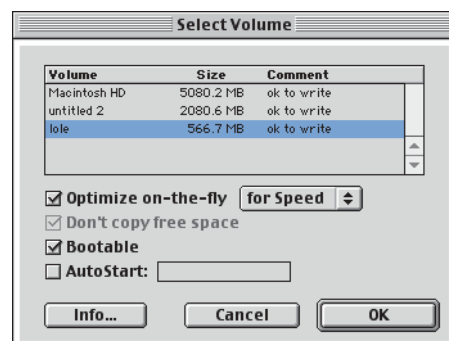


2 A imagem "Meu Becape" aparecerá no desktop. Você verá que o ícone é horrroso, mas sinta-se à vontade para mudá-lo no Get Info. Arraste todos os arquivos que vão entrar no CD para o disco virtual. Organize a disposição dos ícones do modo que preferir, para que o CD final fique com o mesmo aspecto.

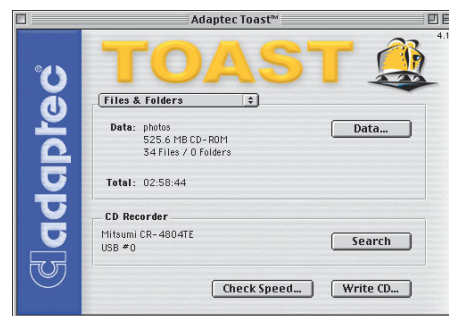
3 Arraste "Meu Becape" para cima do Toast. Se você quiser que o CD abra automaticamente quando for inserido no drive do Mac, dê dois cliques no disco virtual para abrir a janela, posicione-a no canto superior esquerdo do desktop e só então arraste o disco virtual para o programa.

4 O Toast vai mudar para a opção Mac Volume. Clique no botão Data e, na janela que se abre, você verá duas opções para serem escolhidas: Optimize On The Fly for Speed ("otimizar no ato para maior velocidade") ou Optimize On The Fly for Size ("otimizar no ato para tamanho)". Esta última é a ideal se houver muitos arquivos para serem gravados. Se você quiser criar um disco "bootável" (de startup) para o Mac, acione a opção Make This Disk Bootable. Porém, você terá que ins-

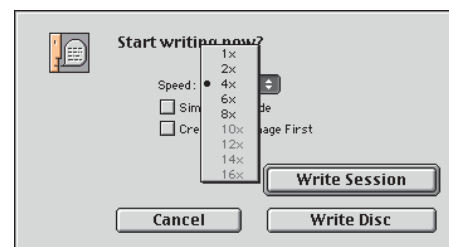
talar no disco virtual um Core System Folder (sistema operacional básico) a partir de um instalador do Mac OS, escolhendo a opção Custom Install. Assim, você pode criar um disco de emergência que contenha esse Mac OS e um programa reparador de discos, como o Norton Utilities, por exemplo.



5 Acertados todos os detalhes, clique no botão Write CD na janela principal do Toast.



Na caixa de diálogo que surge, você define a velocidade (Speed) de gravação e tem a opção Simulation Mode, que simula a gravação do CD para você saber se tudo correrá bem. Assim, se ocorrer algum problema, você não perderá a mídia.



6 É hora de gravar. Se você quiser gravar uma sessão (caso tenha sobrado espaço no CD), clique em Write Session ou escolha Write Disc se quiser "fechar" o disco.

7 Agora, é só esperar o CD acabar de ser queimado para você ter seus dados becapeados.

► de colocar apenas 64 MB de RAM nas configurações de fábrica. Pelo menos a partir do modelo de 500 MHz, eles deveriam vir com 128 MB, no mínimo. A Apple, por sua parte, diz que os sistemas com 64 MB rodam o Mac OS 9.1 e o Mac OS X “muito confortavelmente”, desde que você não queira ser ousado a ponto de querer rodar programas de OS 9 no ambiente Classic do OS X. Por isso, não dá para dizer exatamente qual é o padrão de “conforto” ao qual o pessoal da Apple está acostumado. De qualquer modo, o chip G4 é ainda o grande ausente na linha iMac. Não que o G3 seja um processador que faça feio, ao contrário. A 600 MHz, o iMac é pau para qualquer obra. Mas ninguém iria reclamar se houvesse pelo menos um modelo com um G4 dentro. Mas isso é apenas uma questão de tempo. Quem sabe na próxima leva.

O novo e o velho

Aos americanos, o novo. Para o resto do mundo, o velho. A Apple não fala sobre o



Faça seu próprio CD de qualidade comercial com uma

CD-PRINTER

Por mais que você capriche na hora de gravar um CD, nenhum trabalho ficará realmente profícuo sem um rótulo impresso e uma capinha. Se você tiver a impressora certa à mão, seu disco vai ficar praticamente com a mesma cara de um industrializado. É claro que você pode passar em uma boa papelaria e comprar etiquetas colantes para CDs e imprimir rótulos em qualquer impressora. Fica bom, mas não tem charme. Existe uma alternativa mais profissional: a CD-Printer. Distribuída no Brasil pela Gravaador.com, essa impressora permite criar CDs com apresentação impecável. E o melhor é que você vai poder dizer “fui eu que fiz”, sob olhares invejosos. A CD-Printer é basicamente uma impressora jato de tinta colorida Epson Stylus Color, modificada – ao que parece, na França ou Canadá, já que os manuais e o software para Mac (Adobe PhotoDeluxe) que acompanham o produto estão todos na língua de *l'amour*. Para não ser injusto, o produto inclui um pequeno manual com as instruções em português e um CD (de PC) com templates (modelos) de impressão para QuarkXPress e CorelDRAW.

O francês pode até ser a língua do amor, mas definitivamente não é o meu idioma preferido quando se trata de Macintosh.

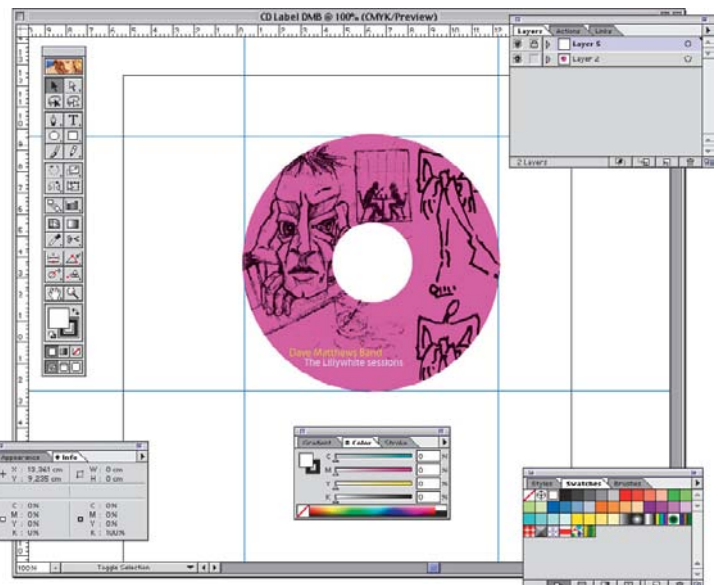
A impressora vem com templates para selos e encartes de CDs nos formatos QuarkXPress e CorelDRAW. Mas esse selo foi feito no Illustrator

Por isso, baixe do site da Epson o driver em inglês para poder operar a impressora mais tranquilamente. Como a Stylus Color 760, a CD-Printer tem porta USB e imprime com resolução de 720 x 720 dpi. A principal diferença entre a CD-Printer e o modelo original da Epson é, claro, a capacidade de imprimir rótulos de CD, o que é feito a partir de uma bandeja especial localizada na parte traseira do equipamento. Há também uma “fôrma” para colocar o CD a ser impresso.

Templates

Se você não tiver o QuarkXPress ou CorelDRAW para abrir os templates, será necessário criar seu próprio modelo, no programa que achar melhor. Eu, por exemplo, fiz em no Illustrator, na tentativa e erro (imprimindo círculos coloridos até conseguir obter um alinhamento perfeito). Demorou um pouco, mas ficou ótimo.

O único problema é que, de um dia para outro, a impressora pode resolver que o template não vale mais e imprimir tudo errado. Por duas vezes, tive





que refazer o modelo, sem entender por quê. Na hora de imprimir o primeiro CD, você fica meio tenso, mas o resultado é de ótima qualidade. Espere alguns minutos para a tinta secar e estará tudo lindo.

A CD-Printer não imprime em qualquer CD-R ou CD-RW. A mídia tem que ser "printable", ou seja, feita para impressão, com superfície completamente bran-

ca na área do rótulo. Existem algumas marcas que oferecem essas opções. Testamos alguns CDs "imprimíveis" da Philips, que são ótimos para gravar dados, mas algumas das impressões borraram com o tempo. O negócio é testar várias marcas. Depois de imprimir alguns CDs, descobri que é bom dar uma boa limpada na superfície antes de qualquer coisa, se você não quiser ver impressões digitais

incriminatórias. Outra descoberta infeliz é que, às vezes, gotas de tinta podem cair na fôrma do CD e eventualmente criar alguns pequenos borões na superfície. Nada muito grotesco, mas mesmo assim não é muito legal.

A CD-Printer também é uma ótima alternativa para imprimir em papel, não só em CDs. Utilizando papéis especiais para impressão, é possível fazer capas, contracapas e livretos (vem um kit da Epson com vários tipos de papéis), com ótima qualidade. O produto utiliza dois cartuchos (um preto e outro colorido) para a impressão a quatro cores, e ainda conta com um ótimo painel de controle para facilitar o processo. E a CD-Printer trabalha bem silenciosamente, se a compararmos com alguns modelos da Epson.

Dinheiro, dinheiro

O principal problema da CD-Printer é o preço, bem acima das impressoras convencionais: R\$ 1.900. É salgado, mas pode ser um bom investimento para profissionais e empresas que queiram melhorar a apresentação de seus CDs. O resultado é garantido. O outro inconveniente é que, depois de usar essa impressora, você nunca mais vai querer usar uma caneta para escrever no rótulo de algum disco...

Preço: R\$ 1.900

Onde comprar: Gravador
www.gravador.com.br



Encartes e selos de alta qualidade, que passam facilmente por obras de impressoras offset

bolachas digitais

transforme seu velho lp em um cd novinho

O *long-play*, também conhecido como LP – ou “bolacha” para os íntimos –, não foi forte o suficiente para resistir à chegada do CD na década de 80. Aos poucos, a maioria dos títulos que existia em discos de vinil foi sendo lançada no formato digital para que pudéssemos esquecer de vez nossos (cada dia mais) velhos LPs. Claro que, fora os DJs (que usam o vinil profissionalmente até hoje), ainda há quem mantenha o hábito de ligar o toca-discos da sala, por saudosismo ou pela convicção de que as “bolachas” são imbatíveis, mas são casos raros. A verdade é que a esmagadora maioria está com o CD e não abre.

Mas o triunfo do Compact Disc só não foi total porque existem muitas obras que não foram – e talvez nunca sejam – relançadas em CD. O resultado é que, às vezes, nos deparamos com aquele LP na prateleira que tanto queremos ver digitalizado, remasterizado e reembalado, mas não dá para contar com a colaboração das gravadoras. O jeito, então, é fazermos nós mesmos o serviço, enquanto nossos *pickups* ainda funcionam.

Recuperar completamente um disco de vinil surrado não é uma tarefa simples e exige programas e equipamentos que fogem da realidade financeira da maioria dos mortais. Mas é possível dar um trato básico no som de LPs com o auxílio de programas como o Spin Doctor, que é instalado juntamente com o Toast Deluxe (versão comercial), da Roxio. Esse software permite que você grave sons diretamente para ele e aplique filtros para eliminar ruídos e ajustar o volume do áudio, para depois queimar um CD. A seguir, veremos como fazer isso em detalhes.

Faça o som chegar

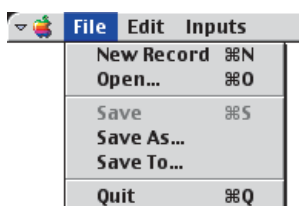
Porém, antes de fuçar no Spin Doctor, você vai precisar providenciar um modo de som de seu toca-discos chegar até o Mac, pois é preciso amplificá-lo primeiro. Para isso, a maneira mais fácil é usar um equipamento de som que permita conectar o toca-discos – pré-amplificador ou *receiver*. Se

ele já estiver embutido num *minisystem*, tudo fica mais fácil. O jeito mais prático é ligar a saída de fone de ouvido do aparelho de som na entrada de áudio do computador. O tipo de cabo necessário para tal operação pode variar de caso para caso. A maioria dos Macs usa entrada de áudio P2 (plug miniatura estéreo), que é a mesma usada para conectar um microfone externo. Porém, o Cubo, o iBook e o PowerBook G4 não trazem nenhuma entrada de som, de modo que essa operação só é possível com o auxílio de algum módulo de conversão USB ou FireWire que tenha entrada de áudio. Infelizmente, nenhum desses aparelhos é vendido por aqui. A melhor pedida, ao que parece, é o iMic, da Griffin (http://www.griffintechnology.com/audio/imic_main.html).

Os modelos de Mac da série AV (7300, 7600, 8500, 8600, 9600, entre outros) trazem conectores de áudio tipo RCA (um encaixe vermelho para o canal direito e um branco para o esquerdo), o mesmo usado em aparelhos de som para conectar dispositivos externos. Se for o caso de sua máquina, dê preferência ao RCA, pois a qualidade é melhor; se seu som tiver alguma saída desse tipo, use-a. Agora, tudo o que você precisa fazer é arrumar um cabo que seja adequado à situação.

Nível de gravação

Resolvido o problema do cabo, abra o Spin Doctor. Se você estiver usando memória virtual, ele não vai rodar; abra o painel de controle Memory (Memória), desligue essa opção e reinicie seu Mac. O Spin Doctor deverá criar uma nova sessão de gravação. Se não, vá ao menu File ▶ New Record. Para definir a fonte sonora da gravação, selecione



Inputs ▶ Sound In. Coloque o LP para rolar e veja se as luzinhas (LEDs) do programa estão acendendo; caso con-

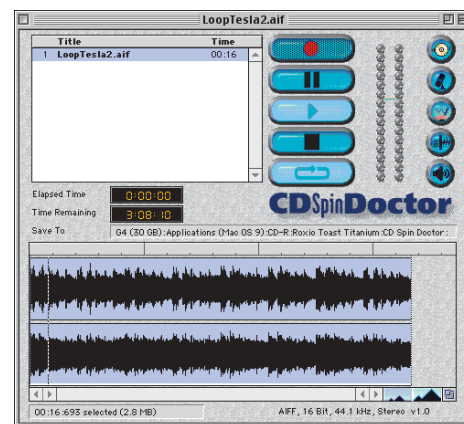
trário, verifique se os cabos estão bem conectados.

Se tudo estiver certo, regule o volume de saída do aparelho de som até ver os LEDs ficarem amarelos. Esse ajuste também pode ser feito usando o botão VU do programa (o terceiro de cima para baixo à direita), que altera o ganho da entrada de áudio.

Se os LEDs atingirem o pico e ficarem vermelhos, diminua o volume, pois isso quer dizer que ele está alto demais e causará uma distorção ruidosa na gravação digital. De preferência, faça um teste com uma das músicas mais “agitadas” do LP, ou seja, com maior intensidade sonora, para evitar más surpresas durante a gravação.

Vinil girando

Bem, chegou a hora de botar para gravar. Antes, verifique se você tem espaço em disco para a gravação; um LP inteiro vai ocupar algo entre 400 e 600 MB. Tudo OK? Então clique no botão REC (com um círculo vermelho) e deixe o som do vinil rolar. O Spin Doctor só faz uma gravação por sessão, de modo que, se você estiver passando um LP inteiro para o HD, grave cada lado do disco de uma só vez. Quando quiser parar de gravar, clique no botão Stop

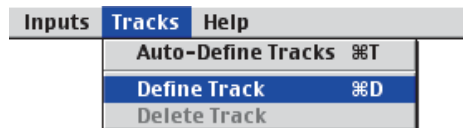


(o que tem um quadrado desenhado). Depois de realizar a gravação, o Spin Doctor pedirá para você nomear o arquivo AIFF com tudo o que foi digitalizado, salvando um arquivo único que ficará na pasta do programa. Feito isso, salve a sessão. Repita o processo para o outro lado do LP, se necessário.

Criando as faixas

Na parte inferior da janela do Spin Doctor, é possível ver o formato das ondas do som gravado. Isso é importante para você poder selecionar os trechos que vão virar as faixas de seu CD. Assim, se você gravou um LP inteiro (ou parte dele), poderá selecionar o trecho correspondente à primeira música clicando sobre o começo do trecho desejado e arrastando o mouse até o ponto final. Para selecionar com mais precisão, utilize os botões de zoom (com as montanhas), ao lado da barra de rolagem.

Clique no botão Play para verificar se a seleção está bem feita. Depois, vá ao menu Tracks e selecione Define Track (⌘D). Ao fazer isso, uma nova faixa será adicionada à lista do Spin Doctor.

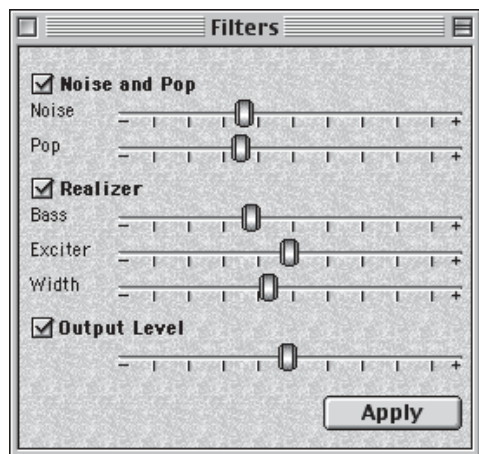


Repita o processo com todos os trechos que desejar. Duplo-clicando uma faixa, é possível renomeá-la. Se quiser deletar alguma, selecione-a e dê [Delete].

Limpeza geral

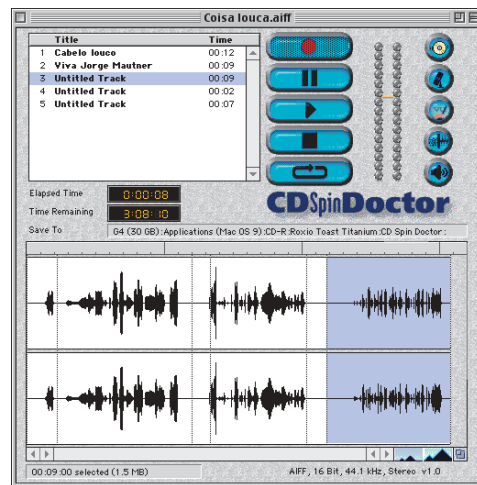
É chegada a hora de dar aquele trato ao som. Selecione uma das faixas e clique no quarto botão à direita (contando de cima para baixo); você verá a janela de filtros, que contém as seguintes opções:

■ **Noise and Pop** – Esses são os filtros mais importantes na hora de tentar tirar ruídos e “pocs” de LPs, mas também são os que mais exigem processamento (se sua máquina for muito lerda, talvez eles não rodem direito). Habilite essa opção e bote uma faixa para rolar. Mexa nos controles Noise, para diminuir o chiado, e o Pop, para remover os “pocs”. Você vai reparar que, quanto mais arrastar o botão para a direita, mais ele terá efeito. Porém, notará



também que, a partir de um determinado ponto, o áudio começa a ficar comprometido. Assim, procure um meio-termo.

■ **Realizer** – Esse filtro ajuda a dar uma “garibada” geral na equalização, mas se não for usado com comedimento pode trazer mais malefícios do que benefícios. O botão Bass serve para controlar as frequências baixas (graves), que podem sumir quando se usa os filtros de Noise e Pop, ou então aparecer em excesso em discos muito “rodados”. O Exciter trabalha as frequências mais altas (agudos), que costumam desaparecer do vinil com o uso ao longo dos anos. E o Width mexe na imagem estéreo, podendo dar mais “ar” à música (é difícil explicar só com palavras). Não exagere na dose desse último controle em especial.



■ **Output Level** – Depois de mexer nos filtros acima é possível que haja alteração de volume do arquivo de áudio para cima – o que pode gerar distorções – ou para baixo (compare o som com e sem os filtros para ouvir a diferença). Assim, use esse recurso para compensar as mudanças.

Depois de chegar a um resultado satisfatório, clique no botão Apply para aplicar as alterações, mas lembre-se de que não haverá reversão no processo. Escute o resultado para ver se está “oquei”. Você poderá aplicar a mesma configuração de filtros para as outras faixas, ou editar parâmetros diferentes para cada uma delas, pois há diferenças sonoras entre cada música de um LP – em geral, músicas próximas à beirada externa têm mais “clicks” e “pocs” e as mais internas, equalização pior.

No Forno

Depois de tudo limpo, você só precisa selecionar as faixas que vão entrar no CDs da lista do Spin Doctor (para selecionar mais de uma, clique segurando a tecla [Shift]). Feito isso, clique no botão com ícone de um CD (o primeiro à direita) e o Toast vai criar uma sessão de áudio com todas as faixas selecionadas. Se quiser, você pode fazer novas gravações e edições no Spin Doctor e adicionar novas faixas à sessão criada no Toast, até completar os 74 minutos do CD. Depois, é só colocar um CD-R no gravador e mandar queimar. Agora sim, já dá para aposentar de vez aquela sua velha “bolacha”. **M**

assunto, mas o modelo de 500 MHz tem versões diferentes para os Estados Unidos e para o resto do mundo. Em teoria, todos os iMacs de 500 e 600 MHz da safra “florida” deveriam vir com o chip PowerPC 750CX, com 256 KB de cache nível 2 (no próprio chip), rodando à mesma velocidade de clock do processador. Porém, a Apple admite que apenas “alguns” modelos de 500 MHz usam esse chip. E esses “alguns” estão sendo vendidos apenas nos EUA e no Canadá. O curioso é que o iMac com o processador antigo de 500 MHz (com cache *backside* de 512 KB, fora do chip, e rodando a 40% da velocidade do processador, ou seja, a 200 MHz) está sendo vendido ao mesmo preço do modelo com o chip novo. E não é só a questão do processador. Os modelos “internacionais” de 500 MHz também têm recursos de placa-mãe iguais aos dos iMacs DV lançados no ano passado – incluindo a ATI RAGE 128 Pro e seus 8 MB de SDRAM. Mas isso não é motivo para se sentir insultado. O novo chip PowerPC 750CX é só 5% mais rápido do que o anterior.

Admirável iMac novo

Polêmicas a parte, é admirável como a Apple consegue manter a vivacidade dos iMacs após quase três anos. E já não há mais dúvidas de que a aparência conta muito para tal. Os padrões coloridos são uma evolução natural, mesmo que você não goste (por isso ainda há as cores Indigo e Grafite). Na verdade, Steve Jobs acabou de abrir um grande leque de possibilidades para o futuro. Alguns caminhos podem ser tenebrosos (já pensou em um iMac da Barbie?). Por outro lado, seria fascinante se fossem lançados os modelos com padrões Van Gogh, Picasso ou Miró. E, indo mais longe, já imaginou um iMac cubista? O difícil seria encontrar o gravador de CD, mas isso seria apenas um detalhe. **M**